

GABRIELA CALÔNICO DE OLIVEIRA

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E AS LITERATURAS AFRICANAS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
(UFSC) para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Eliane Santana Dias  
Debus

FLORIANÓPOLIS

2017

Oliveira, Gabriela Calônico de  
JOSE EDUARDO AGUALUSA E AS  
LITERATURAS AFRICANAS DE  
LÍNGUA PORTUGUESA PARA INFÂNCIA /  
Gabriela Calônico de Oliveira ;  
orientadora, Eliane Santana Dias  
Debus, 2017.  
46 p.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(graduação) - Universidade Federal  
de Santa Catarina, Centro de  
Ciências da Educação, Graduação em  
Pedagogia, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Literaturas  
Africanas de Língua Portuguesa. 3.  
mercado editorial. 4. José Eduardo  
Agualusa. 5. literatura para  
infância. I. Santana Dias Debus,  
Eliane. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em  
Pedagogia. III. Título.

GABRIELA CALÔNICO DE OLIVEIRA

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E AS LITERATURAS AFRICANA  
SDE LÍNGUA PORTUGUESA PARA INFÂNCIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 27 de julho de 2017.

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Santana Dias Debus  
Orientadora (MEN/CED/UFSC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Rita Moreira  
Membro (Rede Estadual de Educação/UFSC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Célia dos Passos  
Membro (EED/CED/UFSC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Laura Pozzobon Spengler

A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar. (Nelson Mandela)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, sem Ele eu nada seria, e não tenho palavras de agradecimento por tudo que alcancei até aqui.

A memória de minha querida avó Iracy Tomázia da Silveira, que sempre acreditou nos meus sonhos e no meu potencial, que tanto zelou e cuidou de mim, gratidão eterna.

Minha linda mãe, Anísia Calônico, que independente da situação a qual me encontrava sempre esteve ao meu lado, aconselhando-me nos momentos mais difíceis. Espero um dia poder ser ao menos parecida com ela, é impossível não me emocionar ao pensar em minha trajetória acompanhada por ela a cada passo, agradeço por se dedicar de corpo e alma a mim.

Ao meu pai Ronaldo Vieira, pai de coração e de alma que Deus colocou na minha vida, me orgulho em chamá-lo de pai, pois sou o que sou hoje graças ao seu papel fundamental em minha criação, seu colo, carinho e dedicação.

Ao meu pai Sérgio de Oliveira, por suas orações e seu amor, por acreditar que sou capaz, obrigada por tudo.

A minha pastora, amiga e mãe Roseli Cruz, por sua acolhida e compreensão, sempre intercedendo por mim, com seu café maravilhoso e palavras sinceras.

Agradeço a minha amiga Sibebe Marlene Carvalho Pereira, pois foi ela quem me apresentou a Pedagogia, e foi devido a sua influência e experiências compartilhadas que escolhi esse curso.

Nazareth Maria da Silva Nascimento, por ser um exemplo de profissional, e ser minha amiga, me apresentar na prática o amor pela Pedagogia, a dedicação e o compromisso com o ensino, o cuidar e o educar, se existe alguém em que me espelho profissionalmente, é ela.

Não poderia deixar de agradecer a Juanna dos Passos Sagaz, por ter me aceitado como parte de sua família, por ser incrível e inspiradora, sua coragem que me contagia e me faz ter a esperança que existem pessoas maravilhosas no mundo, por nunca soltar a minha mão, sendo honesta e justa sempre, te amarei eternamente.

Vicente Mallmann, meu amigo e parceiro, te agradeço pela compreensão nos trabalhos do curso, por me ensinar como uma amizade sincera funciona, por não me abandonar, amo você.

A minha querida Carolina Mendes Richter, pelos abraços nos momentos de tristeza e desespero, as conversas esclarecedoras, e é claro, por ser minha mãe nas horas vagas.

Aos meus queridos Jéferson Dantas e Meri Ilse Ribeiro Pereira, pelas vezes em que presenciaram minhas lágrimas, nunca me deixando desistir, me incentivando ao máximo.

A professora Joana Célia dos Passos, por abrir meus olhos para as literaturas Africanas e Afro-brasileiras, com sua ajuda me encontrei, e também por me indicar com muito carinho à minha orientadora.

A minha querida orientadora Eliane Santana Dias Debus, sem ela, este trabalho não seria possível, agradeço a sua compreensão, preocupação e orientação, sempre disposta a me ajudar e buscando que eu desse o meu melhor durante todo esse processo, obrigada por tudo, você é maravilhosa.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação, não apenas acadêmica, como pessoal também, aos meus familiares, amigos, colegas, funcionários e professores que passaram por minha trajetória, obrigada a todos.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: José Eduardo Agualusa.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 2: O filho do vento.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 3: Nweti e o mar.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 4: A rainha dos estapafúrdios.....</b>	<b>38</b>

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a produção literária para infância de José Eduardo Agualusa publicada no Brasil, em particular os títulos *O filho do vento* (2006), *Newti e o mar* (2012) e *A rainha dos estapafúrdios* (2016), analisando os aspectos textuais em particular da lenda e das narrativas curtas contemporâneas; partindo do pressuposto de que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa começam a ser publicadas pelo mercado editorial brasileiro a partir da Lei 10.639/2003. A escolha desse escritor pela sua produção literária, em particular nos livros para infância e ao seu importante papel na divulgação das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Apoiamo-nos para análise dos livros no referencial teórico da teoria literária a partir dos estudos de Antonio Candido (1995); Umberto Eco (2003); Literatura infantil e juvenil, nos estudos de Lajolo e Zilberman (1987); Coelho (2000), em diálogo com a educação, tomando os estudos de Debus (2012); Araújo (2010; 2015) e Silva (2011). A inserção dessas narrativas possibilita uma educação antirracista e isso só foi possível pela demanda da Lei. Narrativas como as analisadas nesta pesquisa viabilizam o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Conseguimos compreender que existem sim obras de literaturas africanas escritas de forma coerente, valorizando a cultura e a história, e, que, tais obras precisam ser divulgadas.

**Palavras-chaves:** Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, José Eduardo Agualusa, mercado editorial, literatura para infância.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
1. A LEI 10.639/2003, A LITERATURA E A LITERATURA INFANTIL .....	12
1.1 CAMINHOS DA LEI 10.639/2003.....	12
1.2 DA LITERATURA E SEUS PROPÓSITOS .....	17
1.3 A LITERATURA E SEUS DESTINOS: A INFÂNCIA COMO CHEGADA .....	18
2. A LITERATURA PARA A INFÂNCIA E A TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL.....	23
2.1 LENDA E NARRATIVAS CURTAS: OS GÊNEROS LITERÁRIOS EM QUESTÃO .....	26
3. A LITERATURA DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA PARA INFÂNCIA.....	29
3.1 O ESCRITOR ANGOLANO JOSÉ EDUARDO AGUALUSA.....	29
3.2 LIVRO: O FILHO DO VENTO.....	31
3.3 LIVRO: NWETI E O MAR .....	34
3.4 LIVRO: A RAINHA DOS ESTAPAFÚRDIOS .....	38
CONSIDERAÇÕES.....	41

## INTRODUÇÃO

A escritora Lygia Bojunga Nunes em seu texto “Livro: a troca” (1982) descreve as suas paixões pela leitura ao longo da vida, tenho eu também minhas paixões de leitura. Em minha experiência de vida até aqui, posso dizer que me apaixonei três vezes, a primeira foi logo na infância. Desde pequena o amor pela literatura se fez presente, sempre motivada por minha mãe, passava mais tempo entre os livros e perdida em histórias do que a maioria de meus amigos. A literatura e seu universo imaginativo me proporcionavam uma fuga do mundo real, onde eu poderia vivenciar experiências extraordinárias em que a fantasia e a magia se tornavam reais.

Mergulhada então num universo fantástico, os livros se tornaram parte da minha vida, a escrita uma aliada, e à medida que os anos passavam mais intrigada eu ficava com a possibilidade de juntar palavras, criando frases, textos e histórias para que assim pudesse não apenas vivenciar essas experiências, mas levar outras pessoas a entenderem o quanto a literatura pode ser importante.

Quando entrei para o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, e passei atuar em sala com as crianças, me apaixonei mais uma vez, minha segunda paixão, a paixão pela literatura infantil, dessa vez com um olhar mais atento e experiente, pude encarar esse tipo de literatura sob a perspectiva de professora e presenciar como efetiva e interessante era desenvolver propostas com as crianças a partir dos livros literários, tornando-me então a professora que sempre buscava trazer a mágica e o lúdico para sala de aula, envolvendo a todos nas possibilidades que os livros nos davam e instigando o desejo de aprender com eles.

Visitando a biblioteca regularmente e renovando os livros, sempre em busca de novidade e qualidade, era constante minha busca por títulos que levassem as crianças-leitoras a conhecer outras realidades e contextos, para desenvolver outros pensamentos frente a realidade circundante e outras culturas, possibilitando a imersão em um mundo que fosse possível dar asas a imaginação.

A terceira paixão deu-se quando resolvi cursar o Núcleo de Aprofundamento de Estudos (NADE) de Práticas Educativas e Relações Étnico-Raciais, com a professora Joana Célia dos Passos, isso proporcionou uma amplitude dos meus horizontes, retirou qualquer tipo de possibilidade de limitação no que diz respeito às literaturas africanas

e afro-brasileiras. Essa paixão, confesso, talvez tenha sido um pouco mais forte dos que as outras, pois ela me mobilizou e me fez desejar saber ainda mais, a pesquisar e levar essa busca como uma causa, me motivou e me trouxe a certeza de que quando escolhi Pedagogia minha decisão foi correta, que seria por meio desse curso e munida dessa paixão que eu poderia humildemente tentar fazer alguma diferença. Estava apaixonada pelas literaturas africanas e afro-brasileiras.

Este trabalho que ora apresento é a concretização do início de uma pesquisa, digo início, pois apesar de ser um trabalho conclusivo do Curso, não pretendo parar por aqui, e sim estar em busca de conhecimento e me apaixonar mais algumas vezes.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar a produção literária para infância de José Eduardo Agualusa publicada no Brasil, em particular os títulos *O filho do vento* (2006), *Newti e o mar* (2012) e *A rainha dos estapafúrdios* (2016), partindo do pressuposto de que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa começam a ser publicadas pelo mercado editorial brasileiro, a partir da Lei 10.639/2003.

A escolha desse escritor se deve pela sua produção literária, em particular nos livros para infância e ao seu importante papel na divulgação das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no mercado editorial brasileiro ao se associar a editora Língua Geral (RJ) e realizar a coordenação geral da editora e do selo Mama África. O primeiro livro da coleção foi *O filho do vento*, do Agualusa e tem até a presente data os seguintes títulos: *O homem que não podia olhar para trás* (2006), de Nelson Saúte; *O beijo da palavrinha* (2006), de Mia Couto; *Debaixo do arco-íris não passa ninguém* (2006), de Zetho Cunha Gonçalves e *O leão e o coelho saltitão* (2009), de Ondjaki.

Os objetivos específicos que orientam esta pesquisa são os de compreender a Lei 10.639/2003, entendendo sua importância e efetividade, buscando saber quais as mudanças que ela proporcionou para a inserção das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no mercado editorial; estudar a literatura para infância e a sua importância na formação leitora e para construção de uma cidadania antirracista; analisar os títulos de José Eduardo Agualusa.

Apoiamo-nos para análise dos livros no referencial teórico da teoria literária a partir dos estudos de Antonio Candido (1995), Umberto Eco (2003); Literatura infantil e juvenil nos estudos de Lajolo e Zilberman (1987); Coelho (2000), em diálogo com a educação, tomando os estudos de Debus (2012); Araújo (2010; 2015) e Silva (2011).

Creemos que a Lei 10.639 promulgada em janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas de Educação Básica do Brasil e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, datada de julho de 2004 reconhece o papel da população negra na construção cultural e social do Brasil, reconhecimento extremamente necessário, já que por muito tempo a influência europeia predominou quando se falava em cultura brasileira. Por outro lado, essas demandas mobilizaram o mercado editorial para a publicação de livros de literatura que levasse em conta essa temática.

Desenvolver atividades e conteúdos embasados em diversas culturas permite que as crianças possam ver suas semelhanças, pois vivemos em um país multi-étnico e multicultural, ao promover acesso à diversidade cultural, promove-se também um reconhecimento pessoal e do outro ocorra.

## **1. A LEI 10.639/2003, A LITERATURA E A LITERATURA INFANTIL**

Neste capítulo trazemos discussões importantes sobre a Lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira articuladas com a literatura, a literatura para infância e a sua relação com a temática Africana e Afro-brasileira. Busca-se focar na inserção das narrativas de temática africana e afro-brasileira no mercado editorial brasileiro promovida pela Lei e pelas Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em março de 2004.

### **1.1 CAMINHOS DA LEI 10.639/2003**

Em 9 de Janeiro de 2003, foi promulgada a Lei 10.639 que determina que as instituições de educação básica, públicas e privadas, são obrigadas a ensinar a história e cultura africana e afro-brasileira. Acreditamos que a Lei foi um passo importante para a sociedade, pois a

partir dela a cultura africana e afro-brasileira torna-se obrigatória, possibilitando o estudo e discussão sobre o tema, bem como a ampliação do acesso as diversidades culturais que circundam a sociedade brasileira.

Ao assinar a Lei, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva altera a Lei de Diretrizes e Bases (LDB Nº 9.394/1996) acrescentando artigos que determinam os conteúdos a serem desenvolvidos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003, p.1)

Com a leitura do inciso é possível constatar que a partir desse momento passa-se a compreender a importância de desenvolver os conteúdos relativos à história da cultura africana e afro-brasileira, focalizando o reconhecimento social sobre a contribuição dos negros para a formação e constituição do Brasil.

Estamos inseridos numa sociedade onde o racismo é de fato naturalizado e a predominância da cultura europeia se propaga nos ensinamentos de História e outras disciplinas da Educação Básica, desse modo, quando uma lei como essa entra em vigor, possibilita que seja ensinado e desenvolvido em sala de aula conteúdos, até então considerados irrelevantes na formação das crianças e jovens, que contribuam para a percepção de que vivemos em um país pluriétnico. Celso Cisto Silva (2011) aponta que: “A cultura africana é tão importante para o Brasil quanto à cultura europeia, muitas vezes encarada como o pilar mais sólido da nossa formação estética” (SILVA, 2011, p.14), ou seja, a história do Brasil não se detém apenas de colonização Europeia, a cultura africana e afro-brasileira faz parte da história da formação brasileira e deve ser lembrada e estudada.

Silva (2011) destaca que o Brasil é um país cuja sociedade é multicultural e multi-étnica, mas ainda existem fraturas na questão de diversidade, “Há sempre uma tendência a homogeneização, imposta do

topo para a base, que tende a apagar as distinções” (SILVA, 2011, p. 374).

Embora a Lei exista, e muitas discussões ocorram a respeito da mesma, ela ainda não é efetivada como deveria ser, assim como o racismo ainda é presente na nossa sociedade, Nilma Lino Gomes (2005):

Lamentavelmente, o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação. Por isso dizemos que vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta, muito diferente de outros contextos onde esse fenômeno também acontece. O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial mas no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país. (p.46)

A autora aponta para uma realidade presente na nossa sociedade, realidade essa que perpetua por muito tempo, quando questionamos a respeito do racismo, por vezes somos apresentados a uma série de argumentos que determinam ser algo inexistente, extinto socialmente. “O abismo racial entre negros e brancos no Brasil existe de fato” (GOMES, 2005, p.47), ao nos depararmos com o número de negros nas universidades, nas escolas, no mercado de trabalho, passamos a compreender tal abismo, o discurso da “extinção do racismo” morre quando nos damos conta da perspectiva de vida de ambos, nessa contradição o racismo se firma e se torna presente, mesmo com tentativas de ocultá-lo.

A sociedade vê as diferenças entre negros e brancos como biológicas, influenciando nas diferenças sociais:

Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. (GOMES, 2005, p. 49)

Os negros são vistos como inferiores, incapazes, discurso forjado por uma concepção criada socialmente e culturalmente completamente racista, estigmatizando e estereotipando, usando sua estrutura biológica para fundamentar sua concepção social.

E como colocamos anteriormente, o racismo é negado, munido de um discurso a respeito da “democracia racial”, se de fato existisse uma democracia racial no Brasil nossa realidade social seria muito diferente, então Gomes (2005) argumenta que tal conceito não passa de um mito:

O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento.(GOMES, 2005, p.57)

As palavras da autora nos levam a crer que esse mito serve de argumento para a negação da desigualdade, nos levando a crer que todos possuem as mesmas oportunidades, então se o racismo não existe, e a democracia racial é algo real, a desigualdade social entre negros e brancos se dá por qual motivo? Seguindo esse pensamento, de que existe tal democracia, seria pela incapacidade de certas etnias de realizar algumas atividades. Sendo assim “O mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais” (GOMES, 2005, p. 57).

Infelizmente, apesar de parecer absurdo, isso acontece no nosso país, e está mais perto que imaginamos, está em diversos espaços de convívio social, nas escolas inclusive, e isso precisa ser refletido; é necessário que discussões ocorram, pois se aprendemos socialmente a ser racistas, podemos também aprender a não ser.

Com a instituição da Lei 10.639/2003, deparamo-nos com um problema que vem da parte dos professores, segundo Renata Beatriz Brandespin Rolon (2011):

Após a obrigatoriedade da lei, o quadro que se coloca é o de resistência por parte dos professores em trabalhar tais conteúdos. Muitos profissionais sentem dificuldade em abordar os temas relacionados à história e à literatura africana, alegam a falta de uma formação adequada a

respeito de como introduzir esses conteúdos e apontam também a falta de capacitação e material didático específico. (ROLON, 2011, p.131)

Profissionais que sentem dificuldade por não conhecer o tema, o que é bastante contraditório, pois a cultura e história africana e afro-brasileira fazem parte do nosso país, e o fato de tais profissionais não se sentirem seguros de desenvolver tais conteúdos só mostra como estamos despreparados socialmente para uma democracia racial.

Por outro lado, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação (DCNs) que orientam como devem ser pensados e efetivados os planejamentos curriculares das escolas e dos sistemas de ensino - criados a partir da LDB, com as alterações da Lei 10.639/2003, passam a ter uma seção para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana:

Nesse contexto, o governo federal sancionou, em março de 2003, a Lei nº 10.639/03-MEC, que altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e estabelece as Diretrizes Curriculares para a implementação da mesma. A 10.639 instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. (BRASIL, 2004, p.8)

Nas Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais temos 35 páginas dedicadas a apresentar orientações como devem ser planejados os currículos, onde mais de uma vez é argumentado sobre a importância da educação para as relações étnico-raciais contribuindo para uma sociedade antirracista:

Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que

todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004, p.10)

Uma nação democrática, que conviva com suas diferenças e sem discriminação é algo importante e deve sim ser pleiteada, contudo pensar que estamos caminhando e próximos a isso é um tanto utópico. Compreendo que Lei 10.639/2003 é um passo para tal caminhada, um passo marcante e de luta, porém precisamos ainda de muitas passadas para chegarmos ao objetivo de construir uma sociedade sem racismo e preconceitos. Acreditamos que uma das possibilidades para se aproximar dessa meta, seja por meio dos artefatos estéticos, em particular o literário.

## **1.2 DA LITERATURA E SEUS PROPÓSITOS**

A literatura é algo fundamental para a humanidade, Antonio Candido (1995) coloca a literatura como um direito humano, necessária para a sobrevivência como o próprio alimento, argumentando de que ninguém poderia viver sem ficção:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 1995, p.175)

Já o estudioso italiano Umberto Eco (2003) observa que: “A literatura, contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade” (p.11), desse modo, compreendemos que a literatura é de extrema importância para o desenvolvimento humano.

Segundo Candido (1995) “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p.180), ou seja, a literatura não contribui apenas para o desenvolvimento pessoal e individual do ser humano, contribui também para o desenvolvimento da sociedade em que está inserido e por consequência com as relações interpessoais.

A literatura está presente desde muito cedo na vida humana, quando pensamos nas crianças que têm acesso aos livros e se apropriam de suas leituras e interpretações, em especial pela leitura de livros de qualidade estética. Candido (1995) revela que “A luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura” (p.191), e ainda ressalta “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (p.191), então, a literatura é colocada aqui como um direito humano, mas que seja livre de preconceitos e abranja diversas culturas com respeito.

Produto cultural de fundamental importância para a inserção da criança na cultura escrita e potencializadora da manutenção do gosto pela leitura, a literatura é uma das principais ferramentas para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, como pode se constatar nos documento de referência:

§ 3º O ensino sistemático de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil. (BRASIL, 2004, p.31)

Desse modo, a palavra literária auspícia ao leitor a construção de um repertório plural, em que os leitores se vejam e vejam aos outros, por meio da representação de personagens de diversas etnias e vivências culturais.

### **1.3 A LITERATURA E SEUS DESTINOS: A INFÂNCIA COMO CHEGADA**

Para compreender a literatura para infância que tematiza a cultura africana e afro-brasileira é preciso conhecer como a literatura infantil surgiu e como se deu tal processo. Em *Literatura infantil brasileira: história & histórias* (1987), Lajolo e Zilberman apontam que a literatura infantil tem suas primeiras obras publicadas apenas na metade do século XVIII: “Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como

literatura também apropriada a infância [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987, p.15), e uma das obras, *Os Contos da Mamãe Gansa* (1667), de Charles Perrault passou por contratemplos, pois o autor não quis assumir sua autoria. As autoras que quando os primeiros contos e livros de literatura infantil passaram a ser publicados havia uma dificuldade quanto a legitimidade, elas argumentam que “para um membro da Academia Francesa, escrever uma obra popular representa fazer uma concessão a que ele não podia se permitir” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987, p.15-16) dado o contexto da época, não era algo que daria prestígio, mas hoje sabemos que Perrault foi um dos primeiros a apresentar não apenas a literatura infantil, como também um dos precursores da tendência dos contos de fadas.

A criança até então era vista como um adulto em miniatura e participava dos mesmos eventos que os adultos, porém, no século XVIII com a efervescência política, social e econômica da época que reunia a Revolução Industrial, e a ascensão da burguesia e seu estereótipo de família, passa a existir o termo “infância” e a preocupação com a mesma, pois, “A burguesia se consolida como classe social, apoiada num patrimônio que não mais se mede em hectares, mas em cifrões” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987, p.16) procurando incentivar instituições a trabalhar a seu favor para atingir as metas desejadas, e uma dessas instituições é justamente a família. Elas argumentam que:

A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo à sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo, Contudo, para legitimá-la, ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o beneficiário maior desse esforço conjunto: a criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta de vida. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987, p.17)

Nas palavras de Eloisa Barroso Gomes de Siqueira (2008) “Para concretizar esse novo conceito da vida humana, a escola e a literatura se voltaram para uma educação normativa, com o objetivo de formar o futuro cidadão, que aprendesse a se comportar na sociedade burguesa” (SIQUEIRA, 2008, p.65), para tal a criança passa a ter uma função social, com objetos industrializados e culturais voltados para sua infância, como livros de literatura infantil.

Nelly Novaes Coelho (2000) ao estudar a literatura em sua gênese e a literatura contemporânea ressalta a distinção de uma literatura infantil tradicional e uma literatura infantil atual, e isso se dá devido aos

contextos sociais. Para Coelho (2000) tudo que se refere ao tradicional parte do *individuo* exaltando assim o espírito individualista, para ela este é o primeiro de uma lista de dez itens que compõem os tais valores tradicionais, seguido pela *obediência absoluta* aos valores para que possa exercer sua função na sociedade corretamente, mesmo na infância, “Tal dogmatismo, que transformou a “autoridade” em “autoritarismo”, derivou da crença de que o sistema elaborado era perfeito” (COELHO, 2000, p.20), passa então a ideia de que *o ter e parecer se sobrepõe ao ser*, terceiro item da lista, tanto em relação às classes quanto ao trabalho existe uma valorização as minorias privilegiadas pelo dinheiro, e na família, assim como (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987) colocam a divisão de papéis entre o homem e a mulher, Coelho conclui “A autoridade suprema e decisória é exercida pelo homem, enquanto a responsabilidade pelo comportamento dos filhos ou pelo funcionamento ideal da família e do lar é atribuída à mulher” (p.21), e na literatura para as crianças essas características aparecem em evidência, colocando e estereotipando o que é próprio da mulher e o que é próprio do homem.

Existe também uma *moral dogmática*, quarto item, com caráter religioso, voltada para o que é certo e errado e para castigos após a vida devido à conduta errônea, que acaba por aparecer nas morais das histórias infantis. O quinto seria a *sociedade sexófoba*, onde mais uma vez temos a predominância religiosa que estigmatiza o sexo como pecado, passando a ideia de que as meninas possuem como virtude sua castidade. *Reverencia pelo passado* com cultos aos grandes mestres literários são apontados por Coelho (2000), seguidos pela *concepção da vida*, reforçando a religiosidade e a ideia de céu e inferno, esse apreço pela religiosidade é reforçado na literatura infantil tradicional, estamos no sétimo item da lista de Coelho (2000) e o que mais aparece é justamente a ideia de que para ter uma sociedade correta é necessário seguir as normas da igreja.

Os três últimos itens elencados pela pesquisadora são bastante interessantes para a temática deste trabalho, *o racionalismo* como a base do sistema tradicional, bastante contraditório, onde tudo se explica pela razão, porém apoiado pela fé, formando assim um dualismo, onde em certos momentos se busca respostas na ciência e em outros na religião. *O racismo* aparece como marca da sociedade tradicional, numa luta de poder onde de acordo com a autora, a “raça branca” foi tomada como vencedora, ela aponta: “Na Literatura Infantil, a separação entre brancos e negros é notória: reflete uma situação social concreta” (COELHO, 2000, p.23). Último item, que já foi inclusive comentado, é o fato de a

criança ser vista como um “adulto em miniatura”, com uma educação rigidamente disciplinadora, por mais que o termo “infância” e a preocupação com ela seja notória, a criança ainda possui como literatura infantil textos com valores adultos.

Em contraponto, Coelho (2000) também lista os valores novos, que segundo ela já estão presentes no mundo contemporâneo, destacando o *espírito solidário*, existindo a consciência de que o indivíduo faz parte de um coletivo, o *questionamento da autoridade* como poder absoluto, repudiando o autoritarismo, o sistema social em transformação, onde o fazer é mais importante do que ter, principalmente nas questões familiares, e na literatura infantil já aparece questões relevantes:

Os efeitos dessa transformação já aparecem na literatura para crianças, ora através da perspectiva dos filhos que perderam o “porto seguro”, representado pela mãe dona de casa; ora através da igualdade entre meninos e meninas, não mais estigmatizados pelo que é certo e errado para o homem e mulher. (COELHO, 2000, p.25)

A *moral da responsabilidade*, em que se passa a procurar agir com consciência a respeito do outro, a *sociedade sexófila* também é revelada, assumindo então o sexo como algo natural, a *redescoberta do passado* é o sexto item, levando em consideração as relações do ser humano consigo mesmo, com o mundo e com outros seres humanos, surge também a partir dessa redescoberta outras formas de explicar o passado, com o folclore da literatura, Coelho (2000) também atenta para a tendência de aparecer na literatura infantil a “revalorização do indígena e do negro como raízes do povo brasileiro” (p.26).

A *concepção da vida* como algo mutável: “O fim da perfeição almejado pelo pensamento tradicional tende a ser substituído pelo ideal de aperfeiçoamento interior profundo, que ultrapassa os limites da vida” (Coelho, 2000, p.26), a *valorização da intuição*, onde agora na literatura infantil o mágico e absurdo se tornam presentes em atividades cotidianas, acabando como limites entre o real e imaginário. O *anti-racismo* e a valorização de diferentes cultura, onde o racismo passa a ser considerado como uma grande injustiça humana e social. Por último a *criança vista como um ser em formação*, permitindo que ela se desenvolva em liberdade, alcançando seu potencial.

A literatura infantil contemporânea para Coelho (2000) é essencial e deve ser mais do que mero entretenimento e sim uma experiência rica em vida, inteligência e emoções. Articulando os argumentos dos estudiosos, constata-se que a literatura é essencial para o desenvolvimento humano e até mesmo social, a literatura infantil demorou em ser pensada, a concepção de infância e a preocupação com a mesma é algo ainda recente, literatura infantil é um marco quando se pensa nos produtos culturais para a infância, pois é um dos primeiros materiais a ser pensado exclusivamente para as crianças.

Atualmente temos diversos títulos de literatura infantil que circulam no mercado editorial brasileiro e chegam até as crianças leitoras, Ricardo Azevedo (1999) destaca que a ampla variedade de títulos disponibilizados pela indústria editorial acaba por provocar uma confusão a respeito do que seria a literatura infantil de fato. Ele afirma que livros para as crianças e literatura infantil são assuntos que podem não ter nada em comum. Para ele livros de literatura infantil são livros que utilizam sempre o recurso da ficção, uma arte feita em palavras, com motivação estética, não precisando necessariamente ensinar algo, possui uma vinculação com a voz pessoal e com a subjetividade, podendo ser ambígua e até mesmo brincar e inventar palavras:

Os livros de literatura infantil colocam questões humanas vistas no plano da expressão pessoal (e não da informação baseada no conhecimento consensual e objetivo) através da ficção e da linguagem poética. São, em outros termos, ligados à “especulação” (não consigo encontrar palavra melhor). (AZEVEDO, 1999, p.5)

Azevedo (1999) apresenta então a ideia de que a literatura infantil também auxilia no processo de compreender questões humanas, sentimentos, sensações e situações que são complicadas de serem desenvolvidas em sala de aula, José Nicolau Gregorin Filho (2012) concorda com Azevedo, no sentido de que a literatura “pode oferecer importantes alternativas de superação e resolução de conflitos, fazendo-o por meio da ficção e com diferentes representações estéticas” (p. 155).

## 2. A LITERATURA PARA A INFÂNCIA E A TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL

Como o mercado editorial tem trazido à cena a tematização da cultura africana e afro-brasileira nos livros para infância? Podemos afirmar que as demandas da Lei 10.639/2003 mobilizaram o mercado editorial para esse tema? Eliane Santana Dias Debus (2012) aponta que:

No que diz respeito à presença de personagens negras ou de elementos da cultura africana e afro-brasileira em narrativas de recepção infantil e juvenil, produzidas no Brasil, quase que inexistente anteriormente à década de 1970, e, quando isso ocorre, o negro é representado com docilidade servil, submisso ao cumprimento de seu papel de subalternidade (Tia Nastácia, de Monteiro Lobato), ou é aquele que provoca o apiedamento (menino André, d'A Lenda do Menino do Pastoreio) ou, ainda, aquele que não é o que é, travestindo-se de outra pele: o negro de alma branca (como Joaquim, de Joaquim, Zuluquim, Zulu - 1983), repercutindo ideias vinculadas, seja pelo regime de subalternidade promovido pela escravização dos povos africanos, seja pela política de branqueamento. (DEBUS, 2012, p.143)

Justamente na década de 1970 essa ideia do branqueamento se torna bastante forte, e na literatura infantil é nesse período que assuntos polêmicos que não eram abordados até então ganham certo destaque, mas ainda com um forte estereótipo em relação aos negros. De acordo com Angela Souza e Patricia Sodré (2011, é na década de 1980 que discussões a respeito de uma nova ressignificação do negro passam a ser pensadas:

Na década de 80 inicia-se uma linha de rompimento com a imagem estereotipada e de ressignificação. É possível encontrar obras mostrando personagens negros na sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade racial, desempenhando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias e as

religiões de matriz africana, rompendo, assim, com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores. (SOUZA; SODRÉ, 2011, p. 12-13)

É possível compreender que as discussões com essa temática são recentes, a preocupação em apresentar a história e cultura africana e afro-brasileira respeitando sua legitimidade sem estigmas e estereótipos demorou a ser refletida e desenvolvida.

Silva (2011) coloca que:

Um país de base católica como o nosso nem sempre permitiu que as religiões africanas transitassem livremente por aqui. E, por isso, as belas histórias referentes à criação do mundo e das coisas ficaram banidas do nosso convívio. Agora, estão retornando, timidamente, nos últimos anos, ao mercado editorial. (p.14)

Quando o autor coloca que as histórias africanas referentes a religião e cultura estão começando a surgir no mercado editorial brasileiro, mesmo que “timidamente”, mostra que a Lei 10.639/2003 possibilitou isso, contudo apesar de ser um “avanço”, Débora Cristina de Araújo (2015) atenta para uma visão um tanto mais crítica do mercado editorial de Literaturas Africanas, como a baixa incidência de obras infanto-juvenis:

O reconhecimento de que avanços foram conquistados em relação à representação e valorização de personagens negras em obras infanto-juvenis e à qualidade estético-literária, mas sem deixar de lançar um olhar crítico e realista sobre a baixa incidência de obras com tais características quando tomadas proporcionalmente às publicações anuais do mercado editorial brasileiro (ARAÚJO, 2015, p.125).

Araújo destaca que existem ainda obras com um estereótipo em relação aos personagens negros: “Da mesma maneira o olhar crítico e realista lança-se sobre manutenções de estereótipos que insistem em reificar a representação do ser negro a características inferiorizantes” (ARAÚJO, 2015, p.125), um problema que deve ser corrigido, afinal a Lei surgiu para que as Literaturas Africanas e afro-brasileiras fossem

obrigatoriamente ensinada no ensino regular, mas ensinadas corretamente de acordo com o DCN, e não para inferiorizar os negros.

O mercado editorial internacional ganha destaque quanto as Literaturas Africanas, Silva (2011) revela em seu estudo que o mercado editorial internacional possui mais qualidade que o brasileiro:

E, quando vamos buscar publicações de outros países, deparamos com as inúmeráveis obras de estudos, em inglês e francês, principalmente, e, mais recentemente, em espanhol, dos pesquisadores da área de literatura africana. E assim, por comparação, a pobreza da pouca e incipiente produção científica brasileira torna-se ainda mais evidente! (SILVA, 2011, p.16)

O Brasil precisa investir em obras de qualidade que tematizam as Literaturas Africanas e afro-brasileiras, buscar autores que desmistifiquem estereótipos e apresentar às crianças e jovens brasileiros livros literários que não sejam marcadas por inferiorização, como observa Silva (2011):

Necessitamos de um painel amplo da produção de literatura infantil, que, de certa forma, dê visibilidade, em conjunto, às obras publicadas no Brasil, baseadas na cultura africana, e que analisem suas semelhanças, diferenças e até mesmo seus distintos estágios de surgimento e produção, situando-as no contexto histórico, o que, por si só, já seria maravilhoso. (SILVA, 2011, p.16)

Mesmo buscando uma literatura que não traga estereótipos, é necessário que a relevância dos fatos sejam levadas em conta, pois quando se trata de fatos históricos é preciso que se preserve a integridade do que ocorreu de fato. Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos (2015) diz:

Nesse percorrer, ao sabor das marés, é válido dizer que por muito tempo a história de África foi contada sob as lentes distorcidas do colonizador, dos interesses políticos e financeiros. Entretanto, as literaturas africanas, nascidas em recusa ao pensamento colonial, assumem uma escrita de combate, reivindicação e luta. (SANTOS, 2015, p.68)

Entramos então num ponto de extrema importância, a fidelidade aos fatos, O DCN nos apresenta normas para desenvolver as Literaturas Africanas e afro-brasileiras, e para tal nos apresenta indicações de como trabalhar com livros e materiais didáticos:

Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26A da LDB, e, para tanto, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE). (BRASIL, 2004, p. 25)

Aparentemente com base nesse documento, existe uma preocupação com os fatos históricos e com a distorção, por vezes, apresentadas em livros didáticos e práticas em sala de aula pelos professores:

Caberá, aos administradores dos sistemas de ensino e das mantenedoras prover as escolas, seus professores e alunos de material bibliográfico e de outros materiais didáticos, além de acompanhar os trabalhos desenvolvidos, a fim de evitar que questões tão complexas, muito pouco tratadas, tanto na formação inicial como continuada de professores, sejam abordadas de maneira resumida, incompleta, com erros. (BRASIL, 2004, p. 18)

## **2.1 LENDA E NARRATIVAS CURTAS: OS GÊNEROS LITERÁRIOS EM QUESTÃO**

Para que a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana ocorra corretamente, para

tal como já foi apontado neste trabalho, é necessário que o mercado editorial brasileiro busque autores que possuem obras de qualidade, firmadas em fatos sem distorções e estereótipos, e ficções que retratem a cultura africana e afro-brasileira .

Neste trabalho buscamos demarcar ,os livros infantis de José Eduardo Agualusa, escritor Angolano que tem uma vasta produção literária e tem quatro títulos publicados no Brasil, destes nos deteremos nos três que são dedicados à infância, são eles, *O filho do vento* (2006) e narrativa curta : *Newti e o mar* (2012) e a *Rainha dos estapafúrdios* (2016). O primeiro pode ser categorizado como lenda e os outros dois como narrativas curtas.

Segundo Vale (2001):

A lenda revela a função mágica das palavras como fundadoras e reveladoras do mundo. Essa modalidade literária pode ser definida, então, como a narrativa que explica o surgimento de algo no universo, ensina e fixa costumes e crenças de determinada região. (VALE, 2001, p.44-45)

As lendas são importantes em nossa trajetória social, desde os primórdios eram por meio dessas narrativas, muitas vezes oralmente, que o homem explicava alguns fatos que não conseguia compreender cientificamente, como Vale (2001) coloca: “Assim, a existência de rios, plantas, animais, sol, estrelas, chuva, dia e noite era esclarecida por relatos” (2001, p.44).

Percebemos então que esse gênero literário é bastante antigo e é caracterizado por personagens por vezes sobrenaturais, possuindo características do povo ou grupo que as conta, são passadas de geração a geração, e esses personagens são essenciais para o desenvolvimento da narrativa que explicará os fenômenos por meio do sobrenatural.

O destino, a metamorfose, o crescimento pessoal do personagem também é apresentado nas lendas: “Outro traço característico da lenda é o sentido de fatalidade ou tragicidade que marca a personagem central da história, como mortes, desaparecimentos ou metamorfoses” (VALE, 2001, p.45), levando a ideia de que existe uma força oculta a qual o homem primitivo não consegue lutar, que as coisas acontecem por uma determinada razão, razão a qual não temos controle.

Assim como outras narrativas, a lenda possui três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução seria o início, onde conhecemos os personagens, o tempo, e, por vezes, podemos

compreender em que região acontece a narrativa. O desenvolvimento, segundo Vale (2001), é onde os personagens apresentam as ações que estabelecem a crença ou o fato explicado pela lenda, é no desenvolvimento da lenda que o sobrenatural aparece como recurso de explicação. Por fim, a conclusão desenrola a narrativa, estabelecendo assim a tradição, que mesmo com o passar do tempo, se mantém, sendo recontada até a atualidade.

Veremos mais adiante, como um dos livros que Agualusa escreveu, *O filho do vento* (2006), possui essas características marcantes em seu enredo, numa busca de explicações que envolvem a magia e o sobrenatural a respeito de fenômenos naturais.

A narrativa curta possui uma relação entre a escrita e as imagens, Vale (2001) argumenta que “São indicadas a pré-leitores, e crianças recém-alfabetizadas e àquelas com pouca experiência em leitura” (2001, p.48), possuindo um simples enredo, poucos personagens, narração escassa dando mais ênfase aos diálogos, com temas que circundam o universo infantil, esse gênero literário possui como tema, brincadeiras, passeios, encontros com animais e amigos.

É a essa narrativa que somos geralmente apresentados para a literatura infantil, principalmente nos livros indicados para as crianças menores, com muitas e grandes imagens, chamando a atenção com cores e traços, não sendo uma história extensa que possa dificultar a atenção das crianças.

As imagens e ilustrações são essenciais, “As ilustrações ocupam quase toda a página e auxiliam a criança a identificar, na narrativa, as características externas das personagens ou os espaços onde ocorrem as cenas.” (VALE, 2001, p.48), sendo assim imagens que contribuem para a compreensão da história e para a concentração.

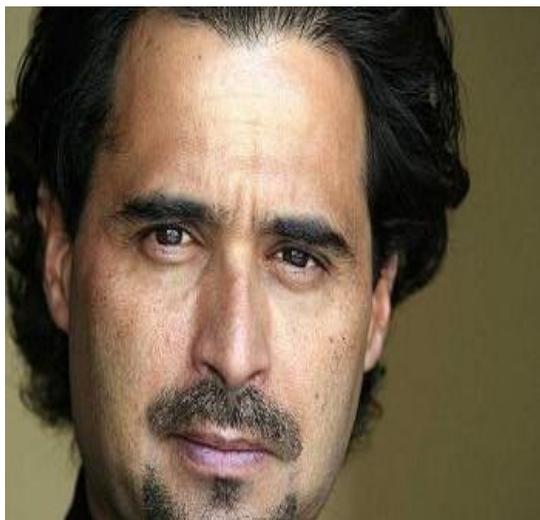
Como já relatamos, a temática circunda o universo infantil, podendo ter personagens com sentimentos e emoções as quais as crianças se identifiquem, como inseguranças e medos, também podem explanar as relações interpessoais que são comuns ao contato das crianças, desentendimentos, discussões, amizade, respeito, entre outros.

Em *A rainha dos estapafúrdios* (2016) e *Newti e o mar* (2012), livros de Agualusa que fazem parte de nossa leitura, as ilustrações são essenciais para a compreensão dos fatos, recheados de diálogos, ambos os livros são exemplos desse gênero literário.

### 3. A LITERATURA DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA PARA INFÂNCIA

Neste capítulo apresentamos ao leitor quem é José Eduardo Agualusa e sua produção literária, em particular aquela dedicada a infância, detendo-nos nos livros escolhidos para análise: *O filho do vento* (2006), *Newti e o mar* (2012) e *A rainha dos estapafúrdios* (2016).

#### 3.1 O ESCRITOR ANGOLANO JOSÉ EDUARDO AGUALUSA



José Eduardo Agualusa nasceu em 13 de Dezembro de 1960, no interior da Angola em uma cidade chamada Huambo, a mãe era brasileira e seu pai português, e isso influencia na criação de suas obras, onde é possível compreender a magnitude de referências culturais diversificadas que o escritor traz em suas

narrativas.

Seu nascimento coincide com o início do movimento de descolonização do país e do povo angolano. A história de Angola, como a colonização, movimentos nacionalistas, independência, guerra civil e pós-guerra estão presentes em suas memórias e obras, como se os fatos históricos que ocorreram no seu país refletissem nas suas obras por meio da exposição de suas ideias e leituras dos fatos.

No ano de 1975, o autor inicia os estudos em Agronomia em Portugal, mas sua vocação era outra, passou então a se dedicar a carreira de jornalista e escritor. Ele chegou a morar no Rio de Janeiro e no Recife, por dois anos, e nos dados biográficos dos seus livros contém a informação de que o mesmo é apaixonado pelo Brasil, ele escreve crônicas para o jornal brasileiro *O Globo*, a revista *LER* e o portal *Rede Angola*. Também para a RDP África A hora das Cigarras, um programa de música e textos africanos. Atualmente Agualusa se divide entre Angola, Brasil e Portugal.

Escritor contemporâneo, Agualusa escreveu três peças de teatro em conjunto com o também escritor Mia Couto (*O terrorista elegante*, *A caixa preta* e *Chovem amores na rua do matador*). Agualusa

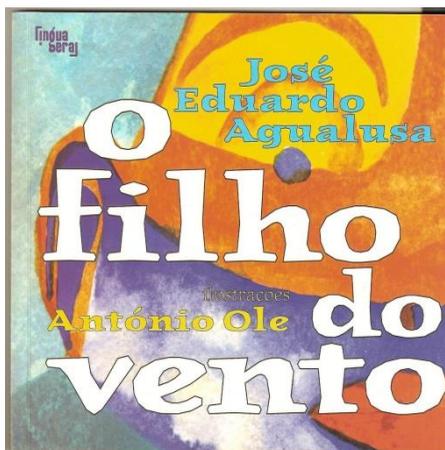
pode usufruir de três bolsas de criação literária que permitiram que visitasse outros países para escrever suas obras. Em 1997 concedida pelo Centro Nacional de Cultura contou com a bolsa para escrever *Nação crioula*, em 2000 pode visitar Goa durante três meses com uma bolsa concedida pela Fundação Oriente onde escreveu *Um estranho em Goa*, e em 2001 a última bolsa da Instituição Alemã Deutscher Akademischer que o proporcionou viver em Berlim por um ano e escrever *O ano em que Zumbi tomou o rio*.

Seu primeiro prêmio foi o de Revelação Sonangol com seu romance *A conjura*, de 1989, em 1997 recebeu o Prêmio RTP pelo romance *Nação Crioula*. Em 1999 com o livro *Fronteiras perdidas* ganhou o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco da Associação Portuguesa de Escritores; em 2001 obteve o Prêmio Nacional de Ilustração, já em 2002 venceu o Grande Prêmio Gulbenkian de Literatura para crianças com *Estranhões e Bizarroco*, o XII Prêmio "Independent" de ficção estrangeira veio em 2007, com o romance *O Vendedor de Passados*, tendo sido o primeiro angolano a receber este prêmio do Reino Unido.

Agualusa é membro da União dos Escritores Angolanos (UEA), uma instituição que historicamente foi fundamental, pois liderou a reestruturação da literatura em Angola quando essa passava por período complicado de sua história. A UEA foi fundada primeiramente como uma organização de intelectuais que defendia a revolução, contudo priorizava que a Angola fosse devidamente representada por todos os escritores angolanos.

### 3.2 LIVRO: O FILHO DO VENTO

*Kuan – Kuan disse-lhe que sim. Disse que as comia, Disse-lhe que as estrelas eram doces, perfumadas, mas que picavam um pouco na garganta. (AGUALUSA, 2006, p.27)*



em 1951, um dos artistas plásticos angolano com maior reconhecimento internacional); a quarta capa possui informações em relação a coleção que o livro está inserido, assim como o logotipo da coleção; as orelhas contêm informações biográficas de Agualusa e António Ole. A falsa folha de rosto onde o título, o nome do autor e ilustrador aparecem novamente está em preto e branco, temos em seu verso informações gerais sobre o livro como coordenador geral, editor, projeto gráfico, revisão e design. O livro possui oito ilustrações das pinturas em guache, as folhas são duplas e na última página temos um catálogo com as pinturas.

O livro, como já vimos, é uma lenda que narra a história do filho do vento, nos transportando para o mundo dos Koi-san, os primeiros homens a surgirem na terra, nos levando então a viajar por essa história fantástica.

Dono de um nome a qual não pode ser pronunciado em voz alta, o filho do vento que na verdade se chama Kuan-Kuan Gau-Gaubu-ti, tem a infelicidade de ter seu nome gritado aos quatro ventos por Nakati, um menino muito curioso, insistente e impaciente.

Nesta parte do livro percebemos como o autor brinca com as palavras, usando sinônimos e antônimos parecidos, jogo de linguagem que dá uma sensação de brincadeira durante a leitura, repleto de explicações sobre as coisas, explicações fantásticas, Agualusa nos mostra como podemos unir a ficção com fatos reais, usando então a lenda para explicar fenômenos naturais.

É possível criar empatia por Kuan-Kuan, pois ainda quando menino, ele gostava de jogar bola, fazendo esse movimento, o autor nos aproxima do personagem ao trazer elementos que nos são conhecidos, fazendo então que nos sentíssemos um pouco mais próximos.

No início da história, temos a introdução onde somos apresentados a uma realidade fictícia onde existe a possibilidade dos animais se tornarem humanos e vice versa, mas é só quando seu nome é gritado, e um vento devastador cai sobre a Savana, que Kuan-Kuan Gau-Gaubu-ti se torna pássaro, com o objetivo de fugir dos humanos por medo do ódio que poderiam ter sobre ele, ele foge.

Essa fuga traz um ponto de extrema relevância, Kuan-Kuan, se sente ameaçado pelos humanos, mesmo sendo o filho do vento, ele sente medo, medo de ser odiado, de provocar tal sentimento devastador nas pessoas por ter feito algo que ele não queria, a culpa tomou seu coração e ele voou e não voltou.

Neste momento temos uma pausa na história e o leitor é levado a descoberta de como as estrelas nasceram no céu, permanecendo com os Koi-as. O narrador mais uma vez provoca a empatia ao dizer que quem lhe contou esta história foi sua mãe, onde uma menina mergulha os dedos na cinza morna de uma planta perfumada a qual os primeiros homens gostavam de comer, planta chamada de !huim, e as atira no céu, formando as estrelas, -mais uma vez o sobrenatural aparece para esclarecimentos, e como podemos ver, a lenda das estrelas foi contada por sua mãe, sendo assim passada de geração a geração.

História muito bonita, o narrador nos conta que os pássaros gostam de arrancar as estrelas e comem-na, por serem feitas de uma planta comestível e gostosa, e então voltamos a Kuan-Kuan, onde ele próprio prova uma estrela e gosta, passando assim a comer várias até se sentir pesado.

É importante salientar que o filho do vento permanece como pássaro, resolve então sentar para descansar e digerir as estrelas, quando encontra uma mulher, o conto nos pega ao ler que a mulher é a mais bela, a soma do que tem de mais bonito do mundo, como se ela fosse

algo impossível de não se notar, ela no mesmo momento desata a conversar com Kuan-Kuan.

Num diálogo repleto de envolvimento entre ambos, a mulher se coloca a compreender o personagem, ela, humana, traz para Kuan-Kuan a ideia e sua percepção de que o vento não é apenas devastador, mas que possui coisas boas, assim como qualquer pessoa, colocando nas entrelinhas que compreende seus sentimentos, mas que é natural que as pessoas, assim como ele, mesmo que se tornem animais, façam coisas ruins, e que não se deve culpar por isso.

Kuan-Kuan já estava apaixonado neste ponto da história, mas não quis falar sobre seus sentimentos, sobre o que lhe fez se tornar pássaro e não voltar. Aqui temos um ponto crucial, a união das duas histórias tornando-se uma, quando o silêncio se torna constrangedor, a mulher a qual o nome não é revelado, diz que as estrelas do céu foram criação dela, pois jogou as cinzas mornas de !huim, questionando-lhe se conseguia voar entre as estrelas.

Ao ouvir que Kuan-Kuan conseguia, a mulher pede então para que ele a leve com ele, que seu desejo era dormir entre as estrelas, num golpe de vento ele a leva e pela primeira vez os primeiros homens viram o rosto iluminado da namorada de Kuan-Kuan no céu, a lua, dormindo entre as estrelas. O autor fecha então o livro nos dizendo que foi assim que o amor nasceu.

Esse livro, por certo, toca o leitor de forma muito sensível, pela delicadeza como os fenômenos são narrados - lua, as estrelas, o vento, os animais, os sentimentos - coisas que nos são naturais recebem uma narrativa para sua origem. Ao ler, reler e refletir sobre *O filho do vento*, uma palavra saltava o tempo todo: incompreensão. O personagem se sentia incompreendido tanto pelos homens como por ele mesmo, Kuan-Kuan não se entendia, ele se culpava por algo que não teve a intenção de realizar, temia o ódio dos homens, e aqui mais uma vez a realidade nos visita. É possível comparar os medos dele com os nossos, o personagem traz sensações que acreditamos que muitas pessoas, inclusive as crianças, sentem. A incompreensão e o medo nos são sentimentos naturais e que temos por diversas vezes em nossas vidas, ao mostrar um personagem vulnerável acabamos nos aproximando e nos identificando com ele, prestando mais atenção na história e ansiando para saber como ela termina.

A mulher, que depois se torna a lua, tem sua importância, pois se compreende que o personagem não estava sozinho, que alguém o entendia mesmo que ele mesmo não tivesse compreensão sobre seus

sentimentos e atitudes; a mulher então nos traz a concepção de que como qualquer outra pessoa fazemos coisas boas e ruins, que isso não é algo absurdo, que ela o entendia.

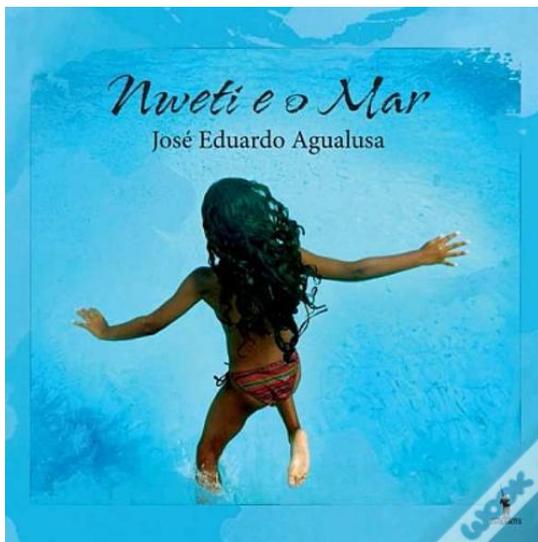
A compreensão surge já no final do livro, não vemos Kuan-Kuan se abrir amplamente e revelar seus medos e anseios, mas vemos que ele permite que a mulher se aproxime que fale sobre ele, ele a escuta. A narrativa toma então as últimas páginas, onde a criadora das estrelas voa com ele para o céu.

Mesmo sendo caracterizado como lenda, um gênero literário da tradução oral, que utiliza aspectos sobrenaturais para explicar fenômenos, ainda assim encontramos alguns conceitos que Coelho (2000) aponta como “valores novos”, por exemplo o “Sistema social em transformação, que tende a sobrepor o fazer e o ser ao ter” (COELHO, 2000, p.24), essa lenda traz Kuan-Kuan como o filho do vento, é quem ele é e tudo que ele tem, e logo se imagina que o que deve fazer é destruir tudo e todos por ser assim, porém vemos a luta do personagem ao se afastar de todos por medo, numa tentativa de aceitar que por ser quem é não merece se aproximar de ninguém. Logo na história esse cenário muda, quando conhece a mulher, ele passa a compreender o valor do ser e fazer, que não é por ter certas coisas que isso define, e sim o que é e o que ele faz.

O autor fecha a história sem deixar pontas soltas, une duas lendas numa só narrativa, construindo um livro extraordinário, que possibilita que diversos temas sejam abordados, que diversas discussões ocorram, que sentimentos e sensações sejam externalizadas.

### **3.3 LIVRO: NWETI E O MAR**

Se existimos nos teus sonhos, então existimos realmente. Existimos enquanto tu dormes. Aliás, tudo o que existe nos sonhos existe de algum lado. (AGUALUSA, 2012, p.31)



O livro de formato quadrado, *Nweti e o mar*, possui dimensões 22 cm x 22 cm, tem o texto e as ilustrações de José Eduardo Agualusa. São obra ele 16 lindas fotografias ao longo do livro, possui 44 páginas, é cartonado, e lançado no ano de 2012. Tem uma falsa folha de rosto com uma imagem que aparenta ser uma pintura em dois tons

de azul que faz lembrar o céu ou o mar, no seu verso temos dados do livro, ele é classificado como 1. Conto Infantojuvenil. 2. Conto angolano. 3. Literatura infanto-juvenil angolana, em sua folha de rosto surge além do título um subtítulo: Exercício para Sonhar Sereias e no verso da folha de rosto uma dedicatória. Não possui margem, com folhas duplas, o livro não possui dados do autor e ilustrador, nem orelhas, sua quarta capa apresenta uma citação da história e uma breve análise dela.

Se fosse possível de alguma forma resumir *Nweti e o mar* em uma palavra, certamente seria a palavra maravilhoso, o livro conta uma ficção contemporânea, uma narrativa curta, rica em imaginação e criatividade, nos levando a viver as emoções de Nweti e a participar de seus diálogos inteligentes e divertidos.

Como vimos na sessão sobre a literatura, este livro é caracterizado como narrativa curta contemporânea, e traz as concepções de alguns valores novos que Coelho (2000) explica, veremos durante esta análise alguns apontamentos relacionados a seu discurso.

Agualusa no emociona contando como Nweti, com seis anos de idade passa a vivenciar seus sonhos transcendendo a realidade de sua vida. A menina passa a sonhar que é uma sereia, em um mundo paralelo onde seu melhor amigo é um caranguejo-eremita chamado Eustáquio, o mar torna-se o cenário de suas aventuras, e Nweti faz questão de tirar

dúvidas a respeito das possibilidades que os sonhos lhe proporcionam com seu pai.

Sentindo cheiro de mar em sua almofada, acordando com algas entre os dedos, Nweti narra algumas de suas experiências com Eustáquio a seu pai, e o mesmo ao invés de frear a menina, passa a incentivá-la a contar sobre seus sonhos, falando até mesmo que gostaria de viver nos sonhos dela, podemos então compreender que a criança é vista aqui como um ser em formação, assim como Coelho (2000) acredita que nos novos valores a criança na literatura se desenvolve com liberdade sendo orientada a alcançar o melhor do seu potencial.

Nweti nos mostra os dois lados de mundos paralelos, nos seus sonhos questiona-se se em algum lugar poderia ser uma menina, pois quando está no mar ao lado de Eustáquio ela é uma sereia, sereia essa que seu pai fora dos seus sonhos diz ser a rainha do mar.

Quando as férias ocorrem, ela vai para uma casa de praia, é lá que seus sonhos e realidades se misturam, e, por vezes, é revelado como ela lida com ambos os lados juntos. Ao se deparar na praia, com uma sereia chamada Luar, descobre que ela é lua, uma sereia também e que enquanto ela sonhar com Luar e seus amigos eles irão existir, existirão de alguma forma em seus sonhos e portanto existirão de verdade.

Aqui Nweti se depara com mais um dos conceitos de Coelho (2000), a concepção de vida, onde ela percebe que está em constante mudança, que a vida é mutável e uma evolução contínua, podendo lhe surpreender.

Conhecemos também a mãe de Nweti, que mostra um pouco de censura a sua imaginação, ao contrário de seu pai que busca que a menina sonhe o que quiser e viva seus sonhos intensamente, vemos a preocupação de uma mãe que busca que a filha também tenha contato com a realidade.

A valorização da intuição também é marcante nesta narrativa curta, Coelho (2000) destaca que a intuição quando valorizada na literatura abre campo para um novo conhecimento, quando Nweti passa a dar ouvidos aos seus sonhos, “A intuição, pondo em xeque a lógica convencional ou o senso comum [...]” (COELHO, 2000, p.26) misturando a ficção com a realidade a personagem faz exatamente isso, coloca a lógica convencional de lado e passa a vivenciar incríveis experiências.

Com frases que nos emocionam e nos tocam, como quando o autor coloca que os adultos não levam os sonhos a sério, percebemos que Agualusa faz uma crítica ao fato de que com o amadurecimento e as

experiências vivenciadas ao longo da vida, as pessoas passam a dar menos importância para os seus sonhos e se prendem a realidade em que vivemos, realidade essa que, na maioria das vezes, nos impede de imaginar e criar.

Nweti é uma criança que sonha, sonha profundamente e não deixa que seus sonhos morram quando acorda, ela leva seus sonhos para sua vida, mistura a realidade e sua imaginação, vivenciando experiências ricas em aprendendo tantas coisas que não aprenderia se deixasse seus sonhos de lado.

Ela nos ensina, ensina que não é preciso esquecer o que sonhamos, a importância de imaginar e acreditar nas possibilidades, que a vida é mutável, e que quando crianças podemos ser o que imaginarmos. E porque não quando adultos também?

Seu pai tem uma postura que nos faz refletir justamente sobre como futuros educadores devem agir, não permitindo que nossa realidade trave os sonhos das crianças e seu mundo imaginário, onde estimular a imaginação e a sonhar seja algo primordial, o lúdico se torna então algo indispensável.

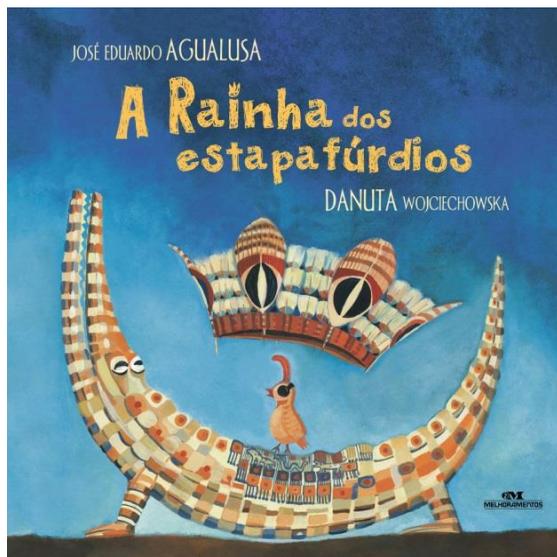
O autor não só escreve a história como a ilustra. O livro é composto de fotografias feitas por ele. Fotografias lindas e deslumbrantes que se conectam com o enredo. Como já vimos na sessão anterior, as narrativas curtas se caracterizam por grandes ilustrações, neste livro Agualusa traz suas fotografias utilizando sempre uma página inteira para cada uma delas.

A maior parte da história é construída pelos diálogos entre Nweti e seu pai, os diálogos são longos e extensos, revelando os sentimentos e inseguranças da personagem principal, bem como as relações interpessoais.

Nweti é uma ficção que prende o leitor do início ao fim, com personagens envolventes e uma história que nos leva a outros lados e mundos e nos leva a crer que independente de nossa idade o sonhar é algo extraordinário.

### 3.4 LIVRO: A RAINHA DOS ESTAPAFÚRDIOS

Ana encaixou as penas do otchimbamba nas asas, afinou a fraca voz e discursou longamente, agradecendo a confiança das feras e prometendo um reinado justo e sereno. (AGUALUSA, 2016, p.28)



*A rainha dos estapafúrdios*, (2016) de José Eduardo Agualusa, contém ilustrações de Danuta Wojciechowska (Canadense, nascida em 1960, vive e trabalha em Lisboa), com seu formato quadrado cujas dimensões 20,5 x 20,5 cm, em brochura e com 45 páginas publicadas pela editora Melhoramentos. Na

capa somos apresentados a ilustração da personagem principal Ana, em cima de um jacaré com uma coroa próxima a sua cabeça, o título e nome do autor e ilustradora também aparecem. A quarta capa possui um breve resumo da história. O livro não possui orelhas, a falsa folha de rosto contém apenas o título e no seu verso temos dados do livro contendo a informação de que ele está classificado como Contos-literatura infantojuvenil, em seguida temos a folha de rosto com o título e nome do autor e ilustradora novamente. Na última página do livro temos as informações bibliográficas de Agualusa e Wojciechowska.

*A rainha dos estapafúrdios* é um livro bastante divertido. Essa narrativa curta traz Ana uma perdigota – um filhote de perdizes – que por ser muito jovem não tinha ainda penas coloridas para cobri-la. Ana

nos é apresentada na introdução como uma personagem ansiosa e curiosa, que ansiava pelo dia que pudesse desfilas com lindas penas coloridas, repleta de emoções que circundam as crianças e estão presentes em seu desenvolvimento.

O autor cria diálogos divertidos entre Ana e sua tia Juvelina, onde dúvidas a respeito das nuvens serem comestíveis ou se existem cardumes de peixes dentro delas nos fazem viajar nesse universo imaginativo.

Ana ao se deparar com a decepção da demora de suas penas crescerem resolve tomar um banho de arco-íris, com o objetivo de ficar colorida, quando faz isso ela se anima acreditando que sua ideia foi genial e funcionou, contudo ao voltar ao seu ninho não foi bem recebida por seus amigos e familiares, teve suas penas recém-coloridas pelo arco-íris arrancadas, muitos se assustaram e acharam que a perdigota teria sido engolida pelo fenômeno colorido, com medo Ana foge e a única pena que lhe sobra é uma na ponta de sua cabeça.

A perdigota se vê então pela primeira vez sozinha, longe de seu ninho, e o medo começa a aparecer, seu medo se torna realidade ao se deparar com uma hiena, um animal que de acordo com os conselhos de sua tia Juvelina eram muito malvados.

Ana então se vê encurralada, mas ao invés de demonstrar o medo e insegurança que sentia, o autor no revela outras possibilidades de ações, Ana enche seu peito com ar e diz a hiena que é uma rainha, rainha dos Estapafúrdios, e ainda diz que caça leões a animais ferozes, com o intuito de assustar a hiena e não ser devorada por ela.

A hiena acredita em sua história, até mesmo devido ao fato de Ana interpretar o papel de uma rainha arrogante bastante convincente, fazem um acordo. A hiena que se chama Clarinda propõe que Ana mate um leão enorme e feroz que andava a incomodar os outros animais da Savana, e em troca Ana pede penas de um pássaro famoso por ter duas penas compridas nas pontas das asas, chamado Otchimbamba.

Ana que até então já havia inventado uma história mirabolante sobre eu reino, e suas atitudes perante seu reinado, aceita o acordo. Os diálogos entre Ana e Clarinda são bem humorados levando o leitor a se divertir durante a leitura do livro.

A perdigota faz Clarinda leva-la sobre as costas e elas conversam durante o trajeto até o temido leão, e Ana em seus pensamentos começa a se apavorar novamente, mas é nítido o amadurecimento da personagem, antes uma ave ansiosa e curiosa, agora uma ave esperta e ardilosa em busca de sua própria sobrevivência.

Mais uma vez Ana se safa por sua esperteza, conseguindo driblar o leão contando uma de suas histórias, afirmando mais uma vez ser rainha. De “monarca” para monarca, Ana aconselha o leão a ir embora dizendo que caçadores estavam na Savana atrás dele e de seus filhos, o leão então foge, Ana diz a Clarinda que ia matá-lo, contudo o leão fugiu antes que ela conseguisse, e é claro, Clarinda acredita em como Ana é temível e poderosa.

Clarinda conta a todos os animais as aventuras da perdigota Ana, agora conhecida por todos como a Rainha do Estapafúrdios, e ela não apenas consegue sobreviver aos animais ferozes, como se torna amiga e temida por todos, e com as penas de Otchimbamba para enfeitá-la.

Um dos pontos que marcam essa narrativa curta contemporânea é o questionamento da autoridade como poder absoluto, Coelho (2000) coloca esse conceito como um repúdio ao autoritarismo, “Em lugar das atitudes polêmicas (em que o certo deve vencer o errado), tende-se para o equilíbrio dialético (conciliação das diferenças ou dos contrastes)” (COELHO, 2000, p.24). Vemos Ana como uma personagem que questiona os animais mais ferozes da savana, usando de sua esperteza e capacidade de diálogo para resolver seus problemas. A história focaliza outro conceito explorado por Coelho (2000): a Moral da responsabilidade, pois por meio de suas atitudes Ana consegue promover a paz entre todos os animais, procurando “Agir conscientemente em face da relatividade dos valores atuais e em relação ao direito do outro” (COELHO, 2000, p.25).

Este é um livro rico em cultura, o lúdico está presente em cada página, os diálogos de Ana com os animais são fantásticos e compõem grande parte da história. Acompanhamos o crescimento da personagem e sua busca por sobrevivência, que não apenas é alcançada como se torna algo melhor do que ela imaginava, com ilustrações que se encaixam muito bem ao enredo, podemos interpretar a história também por meio das ilustrações.

## CONSIDERAÇÕES

Acreditamos que esta pesquisa cumpriu o seu objetivo de compreender como as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa começam a ser publicada pelo mercado editorial brasileiro, em particular a partir da Lei 10.639/2003. Para isso a produção para infância do escritor angolano José Eduardo Agualusa, em particular os títulos *O filho do vento* (2006), *Newti e o mar* (2012) e *A rainha dos estapafúrdios* (2016) foram referenciadas para o estudo.

Constata-se que Agualusa, por sua inserção na vida brasileira e no mercado editorial, por meio do selo Mama África, da Editora Língua Geral, colaborou na divulgação da Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil. Seus livros possibilitam que o leitor brasileiro possa reconhecer a cultura africana, quer seja por meio de narrativa curta contemporânea quer seja pela lenda.

A inserção dessas narrativas possibilita uma educação antirracista e isso só foi possível pela demanda da Lei 10.639/2003. Narrativas como essa viabilizam o ensino da história e cultura africana. Conseguimos compreender que existem sim obras de literatura Africana escritas de forma coerente, valorizando a cultura e a história, e que tais obras precisam ser divulgadas. Compreendemos que a Lei é de suma importância e um passo muito grande para uma educação antirracista, mas que ainda existem diversos problemas sociais que precisam ser resolvidos; conseguimos perceber que as Literaturas Africanas e Afro-brasileiras ganham espaço com a Lei, porém existem obras estereotipadas, que inferiorizam os negros e muitas vezes essas chegam as mãos das crianças leitoras.

A literatura colabora para o desenvolvimento pessoal e social do ser humano, é por meio dela que podemos desenvolver nossas emoções, capacidades e valores; a literatura pode contribuir tanto positivamente quanto negativamente, por isso precisamos selecionar qual material usamos na sala de aula.

Ao refletirmos, analisarmos e compreendermos os três livros de Agualusa destinados ao público infantil, podemos dizer que o autor obteve êxito em suas obras, fica evidente o compromisso com a literariedade na construção estética do texto, confluindo em narrativas sem estigmas que prendem o leitor, conseguindo trazer um pouco da África até nós.

Esta pesquisa nos proporcionou grandes momentos e grandes conhecimentos, como a importância da Lei e da literatura, possibilitou

um aprofundamento relacionando a literatura com a infância, destacando as Literaturas Africanas e Afro-brasileiras como fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças para uma sociedade antirracista. Com leituras atentas, reflexões, discussões, conversas e orientações, esta pesquisa se tornou real, mesmo com contratemplos que nos circundaram, ficamos felizes com o resultado, pois nossos principais objetivos foram contemplados, nossas dúvidas sanadas e podemos divulgar obras de um autor que apresenta justamente o que acreditamos ser importante, Literaturas Africanas e Afro-brasileiras de qualidade.

A paixão pela literatura, literatura infantil e Literaturas Africanas e Afro-brasileiras aparecem em cada uma destas páginas, buscou-se o respeito aos autores e pelas pesquisas já realizadas. Como falamos na introdução deste trabalho, este é apenas o início, esperamos que mais pesquisas sejam realizadas, mais conhecimentos sejam adquiridos e aprofundados e é claro que mais paixões ocorram, pois são elas que nos motivam a continuar.

## REFERÊNCIA

AGUALUSA, José Eduardo. **O filho do vento**. Il. António Ole. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

\_\_\_\_\_. **Nweti e o mar: exercícios para sonhar sereias**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2012.

\_\_\_\_\_. **A rainha do Estapafurdio**. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

AGUALUSA, José Eduardo; QUIXOTE, Publicações Dom. **Catálogo de sombras: Contos**. 4. ed. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 2003. 155 p. Disponível em:  
<<https://books.google.com.br/books?id=TpOc974GLiIC&pg=PA4&lpg=PA4&dq=josé+eduardo+premio+rtp+1997&source=bl&ots=Co10Dyx9YI&sig=SkKxYtZQISFr4UuInZN6PMIwzHw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjO8sC97vFTAhXHIJAKHWVWCzkQ6AEILzAC#v=onepage&q=josé+eduardo+premio+rtp+1997&f=true>>. Acesso em: 18 maio 2017.

AIN, Rodrigo de Souza. **A centralização política e o autoritarismo em Angola**. 2008. Disponível em:  
<<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/educacao33/materia06/>>. Acesso em: 18 maio 2017.

ARAUJO, Débora Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infante-juvenil**. 2010. 192 f. Dissertação - Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ARAUJO, Débora Cristina de. **Literatura infante-juvenil e política educacional: estratégias de racialização no programa nacional de biblioteca da escola (PNBE)**. 2015. 335 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

AZEVEDO, Ricardo. \_\_\_\_\_. **Livros para crianças e literatura infantil: convergências e dissonâncias**. In: *Jornal do Alfabetizador*, Porto Alegre, Kuarup, v. 11, n. 61, p. 6-7, 1999. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2017.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 janeiro de 2003.** Altera Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.639.htm>>. Acesso em: 11 maio 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília, DF, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: MEC/CNE, 2004

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil.** São Paulo: Moderna, 2000

COUTO, Mia. **O beijo da Palavrinha.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

DEBUS, E. S. D. **A Escravização Africana na Literatura Infanto-Juvenil:** lendo dois títulos. Currículo sem Fronteiras, v. 1, p. 141–156, 2012.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura.** Tradução de Eliana Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONÇALVES, Zetho da Cunha. **Debaixo do arco-íris não passa ninguém.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006. .

GRANJA, Sofia Helena de Vasconcelos Horta. **As teias da palavra: Análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de José Eduardo Agualusa.** 2009. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

<http://www.agualusa.pt/cat.php?catid=27>

"José Eduardo Agualusa." Biografia - agualusa. N.p., n.d. Web. 15 Apr. 2017

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil em Gêneros: Desarrumem as gavetas.** São Paulo: Mundo Mirim, 2012. 160 p.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias.** São Paulo: Ática, 1987.

ONDJAKI. **O leão e o coelho saltitão.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

PAULINO, Graça. **Deslocamentos e configurações do letramento literário na escola.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, p.67-78, 2004  
Revista Estante. José Eduardo Agualusa: **A voz da literatura angolana.** 2017. Revista Estante. Disponível em:  
<<http://www.revistaestante.fnac.pt/biografia-jose-eduardo-agualusa/>>.  
Acesso em: 18 maio 2017

ROLON, Renata B. B. **O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações.** Revista Ecos, n. 011, dez. 2011.

SANTOS, Izabel Cristina da Rosa Gomes dos. **LUGAR DA INFÂNCIA: Os miúdos narrantes nas obras de Ondjaki.** 2015. 238 f. Dissertação (Mestrado) Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SAÚTE, Nelson. **O homem que não podia olhar para trás .** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006..

SILVA, Celso Sisto. **Bô sukuta! Kada kin ku su manera:** As junbai tradicionais africanas recriadas na literatura infantojuvenil brasileira, eué!. 2011. 441 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Teoria da Literatura. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2011.

SOUZA, Ângela; SODRÉ, Patrícia. **Literatura Infanto-Juvenil e Relações Étnico-Raciais no Ensino Fundamental.** Rio de Janeiro: Puc-rio, 2011. 22 p.

VITERBO, Victor Mancera. **A epístola revisitada:** identidade, linguagem e intertextualidade em *Nação crioula*, de José Eduardo Agualusa. 2012. 75 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, História, Cultura e Literatura, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2012

VALE, Luiza. Narrativas infantis. IN: SARAIVA, Juracy A. **Literatura e alfabetização:** Do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.